

Tabus de Decência na Fala Cearense: uma Reflexão a partir da Neurolinguística Não Clínica e da Sociolinguística Variacionista

Decency Taboos in the Cearense Speech: a Reflection based on Non-Clinical Neurolinguistics and Variationist Sociolinguistics

Cassio Murilio Alves de Lavor*

RESUMO

Esta pesquisa, descritiva, qualitativa e quantitativa, reflete sobre se trabalhar, empiricamente, com as áreas interdisciplinares Sociolinguística e Neurolinguística não clínica, a partir da análise de um tabu linguístico, na fala dos cearenses. Aqui, demonstramos ser possível a junção das áreas interdisciplinares e o uso dos pressupostos teórico-metodológicos de ambas. Para tornar este trabalho possível, usamos o programa computacional GoldVarb X, e os conceitos sobre eufemismo e disfemismo, além dos conceitos de consciente e inconsciente aplicados pela psicologia freudiana. Os resultados estatísticos demonstraram que a capital Fortaleza substitui a palavra prostituta, disfemizada, por outras variantes eufemizadas, como *rapariga*. As demais cidades controladas demonstraram resultados diferentes e que, no geral, podemos considerar que, conscientemente, nas cidades pesquisadas, frequentemente, os falantes usam mais a variante estigmatizada *prostituta* em detrimento de variantes eufemizadas, como *rapariga* ou *mulher de vida fácil*. Os dados estatísticos apresentados demonstraram que ao fazer uso de uma palavra tabu,

Recebido em 4 de agosto de 2021.

Aceito em 11 de janeiro de 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2022n63.529>

* Universidade Estadual do Ceará, murilolavor_rh@hotmail.com

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5228-6042>

de maneira eufemizada ou disfemizada, o falante, inconscientemente, escolhe uma das variantes motivado pelo fator sexo e idade.

PALAVRAS-CHAVE: Tabu. Neurolinguística. Sociolinguística. Eufemização. Disfemização

ABSTRACT

This descriptive, qualitative and quantitative research analyzes a linguistic taboo in the *Cearense* speech according to the interdisciplinary areas of Sociolinguistics and non clinical Neurolinguistics. It is demonstrated that it is possible to join the interdisciplinary areas in both theoretical and methodological principles. With the use of GoldVarb X program, the concepts of euphemism and dysphemism, besides the concepts of conscious and unconscious in Freudian psychology, have been taken into consideration. The statistical results showed that the capital Fortaleza replaces the word *prostitute*, with other euphemized variants, such as *rapariga*. The other controlled cities showed different results, but in general it can be considered that the conscious use of the word *prostitute* is stigmatized, more than in euphemized variants such as *rapariga* or *mulher de vida fácil*. The statistical data demonstrate that when using a taboo word, in an euphemized or dysphemized way, the speaker unconsciously chooses one of the variants motivated by sex and age factors.

KEYWORDS: Taboo; neurolinguistics; sociolinguistics; euphemization; dysphemization

Introdução

Esta pesquisa estabelece uma relação possível entre tabu linguístico, Neurolinguística e Sociolinguística, a partir das respostas encontradas para a questão 142, “...a mulher que se vende para qualquer homem?”, extraída do Questionário Semântico Lexical – QSL do Atlas Linguístico do Brasil – AliB¹. Assim, buscamos demonstrar ser possível a união entre as áreas interdisciplinares Sociolinguística e Neurolinguística na construção da pesquisa empírica usando o fenômeno tabu, de decência e de decoro, como objeto de análise.

1 “constituiu-se na primeira tentativa, em nível nacional, de descrição do português brasileiro com base em dados coletados, in loco, nas diversas regiões geográficas, a partir da investigação em uma rede de pontos que se estende do Oiapoque (ponto 001) ao Chuí (ponto 250)” (CARDOSO; MOTA, 2012, p. 855).

Acreditando que a Neurolinguística, de uma maneira simples, possa ser entendida como a ciência que explora a forma como o cérebro compreende e produz linguagem e comunicação, objetivamos analisar de que modo as escolhas inconscientes ou conscientes de tabus de decência, como *rapariga*, *prostituta* e *outras formas*, estão associadas a fatores sociais como *sexo*, *faixa etária* e *localidade*.

Aqui, controlamos o fato do informante *eufemizar*² ou *disfemizar*³ o uso de uma das variantes⁴ linguísticas dadas como respostas à pergunta 142, e se essa escolha é influenciada por fatores sociais. Entendemos que o falante, ao dirigir-se a seu interlocutor, penetra em um universo complexo e em um elevado grau de refinamento neurológico em áreas inconscientes⁵ do cérebro, em que a fala passa por um processo de submissão, na escolha e na organização do léxico⁶, de modo a funcionar como um instrumento revelador da realidade social de uma comunidade de falantes. Isso ocorre, por exemplo, quando fazemos uso de certas palavras tabus, consideradas palavrões, que trazem o constrangimento ou inibição, em virtude do valor semântico pejorativo que adquiriram ao longo do tempo e que se mantêm vivas na memória coletiva de um povo, ancoradas nas experiências culturais e locais.

2 “As concepções de eufemismo, nos diferentes dicionários, centram-se no objetivo da substituição de palavras as quais poderiam tocar em algum assunto ou aspecto tabu e causar um efeito ou reação desagradáveis nos interlocutores”. (XIAO, 2015, p.7).

3 Disfemismo: “Palavra ou expressão directa e crua, geralmente grosseira e ofensiva, usada em vez de outra simpática, neutra, directa...”, o contrário, pois, de eufemismo. (XIAO, 2015, p. 8).

4 O termo variante é usado para referir as diferentes maneiras de dizer a mesma coisa do ponto de vista da língua (LABOV, 2008).

5 Para este trabalho, a palavra inconsciente não é aquilo que está fora da consciência: “O inconsciente **não** é uma espécie definida na realidade psíquica pelo círculo do que não tem o atributo (ou a virtude) da consciência” (LACAN, 1966, p. 830, destaque do autor). O inconsciente consiste nos materiais reprimidos: “O inconsciente **não** é perder a memória; é não se lembrar do que se sabe” (LACAN, 2001, p. 333, destaque do autor).

6 Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades” (BIDERMAN, 1978, p. 80; 139).

Logo, entendemos que o campo da Neurolinguística, não anátomo-clínica, como área interdisciplinar, é um lugar privilegiado para pensarmos os efeitos que essas memórias têm sobre as escolhas das palavras na fala de uma comunidade linguística que, por seu turno, está atrelada a fatos sociais, geográficos, culturais, como defende a Sociolinguística.

Dito isto, cabe pontuar que, para a realização desta, levantamos algumas questões iniciais: i) a resposta à questão 142 se apresenta de maneira eufemizada ou disfemizada?; ii) quais fatores influenciam no processo de eufemização ou disfemização; iii) nas cidades pesquisadas, qual das variantes usadas é mais frequente? E consideramos as hipóteses: 1) a comunidade pesquisada conscientemente vai eufemizar a palavra tabu; 2) as mulheres vão eufemizar o tabu linguístico, enquanto os homens vão disfemizar; 3) A faixa etária II (50 a 65 anos) vai eufemizar a palavra tabu, enquanto a faixa etária I (18 a 30 anos) vai disfemizar; 4) a variante *rapariga* será a mais frequente nas cidades pesquisadas.

Na busca por trabalhos que servissem como norte na construção desta pesquisa, encontramos alguns sobre o fenômeno tabu, em diferentes perspectivas, mas nenhum deles consideraram a eufemização e a disfemização, relacionando-as a fatores sociais. Essa busca nos levou aos trabalhos de: Almeida (2007), Vilaça (2009), Guérios (1979). A partir desses, percebemos que esta pesquisa é pioneira, principalmente, por lançar luz sobre a questão aqui pesquisada, fato que justifica este estudo. Além disso, o objetivo defendido aqui, por si só, já é um fator diferenciador e justificador para a realização desta.

Esta pesquisa está dividida: nesta introdução; em uma breve fundamentação teórica sobre o fenômeno tabu, a Neurolinguística e a Sociolinguística; uma seção de articulação entre tabu linguístico e as áreas da Neurolinguística e Sociolinguística; a metodologia aplicada; as análises estatísticas e reflexões subjetivas, a partir dos resultados apresentados em gráficos e tabelas; finalizamos apresentando nossas considerações acerca dos resultados.

1. Fundamentação teórica

Devido à complexidade desta pesquisa, buscamos aporte em mais de uma teoria, pois acreditamos que uma somente não daria conta das múltiplas possibilidades apresentadas. Assim, para melhor compreensão, dividimos esta seção em subtópicos: tabu/tabuísmo linguístico, neurolinguística e sociolinguística.

1.1 Tabu/tabuísmo linguístico

Segundo Freud (1913), o tabu é a base da idolatria e sua violação provocaria um castigo divino, uma maldição; o termo *tabu* expressaria um sentimento coletivo sobre um determinado comportamento ou assunto. Já para a Linguística, as palavras tabus são a imposição de uma proibição de dizer nomes de certas coisas ou pessoas. De acordo com Ullmann (1964), o tabu linguístico se classifica em: de superstição (voltado para a religiosidade, como a palavra *inferno*); de delicadeza (voltado para enfermidades e situações delicadas, como a palavra *câncer*); de decência (voltados para imoralidade e termos pejorativos, como *caralho* e *rapariga*).

Segundo a crença popular, os tabus linguísticos se caracterizam como palavras carregadas de poderes sobrenaturais e, portanto, elas devem ser evitadas para não se correr o risco de ser atingidos pela sua força maléfica no ato da evocação. Para Guérios, “o tabu vem a ser a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. Cometendo-se tais atos, ficam sujeitos a desgraças, a coletividade, a família ou o indivíduo” (GUÉRIOS, 1979, p. 01)

Entre as palavras, presentes no léxico de toda sociedade, em todos os tempos, existem aquelas nomeadas como tabus. Como surgiram os tabus não é objeto desta investigação, e por isso não nos estenderemos demasiado nessa discussão, mas sim, que esses se relacionam com a convivência social, com a sobrevivência de grupos e sociedades, e certamente com os preceitos da

moral e da religiosidade, estas duas estritamente ligadas ao longo dos séculos. A seguir, apresentamos, de maneira sucinta, a Neurolinguística.

1.2 A neurolinguística

A Neurolinguística, grosso modo, caracteriza um campo de investigação que se interessa, de maneira geral, pela cognição humana e, de maneira mais específica, pela linguagem e por processos afeitos a ela, direta ou indiretamente.

Enquanto disciplina híbrida, a Neurolinguística tem construído sua agenda científica assumindo pressupostos e métodos próprios à Linguística e às Neurociências. Da tradição e da agenda mais atual dos estudos linguísticos, a Neurolinguística mantém o foco e o interesse na descrição e na análise da estrutura, da organização e do funcionamento da linguagem. Isso implica, além do interesse pelo sistema linguístico e seus diferentes níveis de constituição, o interesse pela estruturação e pela gestão das práticas socioculturais, pelo contexto de produção e interpretação linguística, pelos vários modos de significações não verbais, pelos processos cognitivos com os quais compreendemos e atuamos no mundo (dentre os quais a memória, a atenção, a percepção, a gestualidade, etc.).

Jackson (1874) contribuiu com várias pistas científicas que sinalizam para uma linguagem tabu relacionada ao cérebro. Suas investigações motivaram, e motivam, outras pesquisas com o mesmo viés, como Lancker e Cumming (1999), que chegaram à conclusão de que a linguagem tabu está relacionada ao hemisfério direito do cérebro, enquanto a linguagem comum está associada ao esquerdo. Alan e Burrige (2006) demonstraram a falta de controle da linguagem comum, enquanto aumenta o uso involuntário da linguagem tabu por pessoas com Síndrome de Tourette ou com Alzheimer.

Em outros estudos, foi confirmada a existência de reações involuntárias aos tabus linguísticos, como arrepios, aumento do ritmo cardíaco e uma leitura mais lenta de palavras tabus. Para os autores, “as palavras tabu são mais

estimulantes do que as palavras não tabus e nós, aparentemente, guardamo-las de forma diferente na nossa memória” (ALLAN, BURRIDGE, 2006, p. 244). A seguir apresentamos um breve resumo sobre a Sociolinguística.

1.3 A sociolinguística

Defendemos a Sociolinguística como uma das áreas da Linguística que se contrapõe a um modelo de linguística estrutural, despreocupada da relação entre língua e sociedade, passando a entender a língua a partir de seu uso concreto dentro de uma comunidade de fala, valendo-se, pois, investigar a língua em seu uso real, considerando as relações entre a estrutura linguística e os aspectos sociais e culturais da produção linguística. Para essa área, ao mesmo tempo disciplinar e interdisciplinar, os indivíduos fazem escolhas linguísticas fortemente influenciadas pelo papel social desempenhado pelos falantes, o que nos faz acreditar que os grupos sociais se formam em função de traços identitários, dos índices de pertencimento e das crenças e dos valores culturais determinantes nas escolhas linguísticas, pois a língua funciona e se apresenta como indicadora desses índices.

Para compreendermos a dimensão dessa área, é preciso entender que ela, apesar de jovem, já despertava o interesse de alguns estudiosos, como Meillet [1866-1936], Bakhtin [1895-1975] e membros do Círculo Linguístico de Praga, bem antes dos anos 1960, data registrada como seu nascimento oficial, a partir dos trabalhos realizados por William Labov na ilha de Martha's Vineyard (Massachusetts), onde analisou a variação fonético-fonológica de /ay/ e /aw/, em diversas regiões, com variadas faixas etárias e grupos étnicos e ocupacionais (LABOV, 2008).

A partir dos estudos de Labov, várias outras pesquisas de cunho Variacionistas foram difundidas no cenário mundial e continuam cada vez mais presentes, atestando que variação e mudança são fatores inerentes às línguas e contribuem para uma descrição mais real e fidedigna dos usos que delas são feitos pelos falantes. Esse caráter de concreticidade é reafirmado por Tarallo,

ao asseverar que “o modelo teórico metodológico da Sociolinguística parte do objeto bruto, não-polido, não-aromatizado artificialmente” (TARALLO, 1997, p. 18).

A seguir, articulamos uma relação entre o fenômeno tabu linguístico e sua estreita relação com a Neurolinguística e a Sociolinguística.

2. Articulação entre tabu linguístico, neurolinguística e sociolinguística

Ao estabelecermos uma relação entre a Neurolinguística, a Sociolinguística e os tabus linguísticos, lembramos que muitos estudos associam o uso dos tabus linguísticos às emoções humanas, demonstrando que o uso desses pode ser o resultado de um processo neurológico involuntário, conforme Jay (2000), Allan e Burridge (2006). Podemos exemplificar com a observação do uso de palavras ou expressões tabus usadas como respostas involuntárias à dor, a partir do século XIX, quando Jackson (1874) já asseverava que a linguagem tabu era diferente da linguagem comum e que aquela tinha um controle cerebral diferente dessa, e concordando com Anthes (2010), ao afirmar que o uso de palavrões pode aumentar a tolerância à dor.

Dizer palavrões pode aumentar a tolerância à dor dos participantes. Foi pedido aos participantes que submergissem as mãos numa banheira de água gelada e que as mantivessem lá o máximo que conseguissem. Quando lhes era permitido dizer palavrões, os participantes eram capazes de aguentar mais tempo as mãos na água gelada (ANTHES, 2010, p. 22).

Aqui, podemos fazer uma reflexão entre a complexa rede que envolve os tabus linguísticos e a língua em seu contexto social de uso, como assevera a Sociolinguística (LABOV, 2008), e, a partir dessa reflexão considerarmos que o mesmo palavrão, ou tabu, que aumenta a tolerância à dor, como apresentado por Anthes (2010), só se concretiza a partir da fala, e essa fala é o que constitui os sujeitos que dela faz uso, pois é através das relações do cérebro/mente

com o ambiente sócio-histórico cultural que o sujeito homem é constituído, conforme Luria (1979).

Assim, na medida em que a Neurolinguística reflete sobre e atua na constituição do sujeito pela linguagem e a Sociolinguística também reflete sobre e atua na diversidade legítima e possível desta constituição do sujeito em nossa sociedade, demonstrando que as experiências linguísticas destes sujeitos, adquiridas diferentemente, poderão ser percebidas pela escolha lexical, pronúncias e construções gramaticais, entendemos, então, que o que nos leva à escolha de palavras *tabu*, conscientes ou inconscientes, está diretamente ligado às atividades cerebrais.

De acordo com Mecacci, as relações sociais se modificam através da história, modificando também as atividades cerebrais. Para ele, “as transformações das funções cerebrais são determinadas pela sociedade, pela textura das relações sociais em que um indivíduo nasce e cresce” (MECACCI, 1987, p. 140).

Entendemos, então, que ao fazer uso de uma palavra *tabu*, o falante acredita que a escolha foi individual, tanto da variante mais apropriada, quanto da forma empregada, mas a realidade é que fatores sociais agem motivando ou inibindo essa escolha. Então, ao escolher qual variante será mais apropriada, de acordo com sua intenção, consciente ou inconsciente, de eufemizar ou disfemizar, o sujeito está, na verdade, defendendo sua própria identidade cultural.

A seguir, apresentamos a metodologia aplicada na realização deste estudo.

3. Metodologia da pesquisa

Quanto à abordagem, esta pesquisa é de caráter qualitativo e quantitativo; quanto a seu objetivo é de caráter descritivo. Quantitativo porque pesquisas desse tipo consideram o que “pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e

analisá-las” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 69). Descritivo porque “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52). Qualitativa porque “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2007).

O *corpus* desta pesquisa empírica foi formado a partir do AliB, escolha que se justifica por considerarmos esse banco de dados como um dos mais importantes projetos dialetológicos do Brasil. Selecionamos amostras de fala, estratificadas em *sexo*, em *faixa etária* e em *localidade*, 12 cidades do estado do Ceará.

Para formarmos um *corpus* com ocorrências sobre o fenômeno *tabu*, optamos por separar as respostas encontradas para a questão 142: “... a mulher que se vende para qualquer homem?”, extraída do Questionário Semântico Lexical – QSL⁷ do– AliB.

As respostas obtidas foram entendidas e tratadas como variantes linguísticas, que são definidas a partir do entendimento existente entre as variantes *eufemizadas* (*rapariga*, e *outras formas*, como mulher da vida, meretriz, safada, quenga, biscate etc.) contrapondo-se às variantes *disfemizadas* (*prostituta* e *puta*).

Evanildo Bechara define o termo *rapariga*, como uma moça, uma jovem ou adolescente (BECHARA, 2011, p.1065), e o termo *prostituta* é definido como aquele e aquela que se prostitui, que faz sexo por dinheiro (BECHARA, 2011, p.1039). Já Wang Xião (2015), em sua dissertação de mestrado sobre eufemismo e disfemismo em português e chinês, defende que

7 No AliB, o Questionário Semântico-Lexical (QSL) contém inquéritos que apresentam respostas relacionadas aos seguintes temas: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, atividades agropastoris, fauna, corpo humano, ciclos da vida, convívio e comportamento social, religião e crenças, jogos e diversões infantis, habitação, alimentação e cozinha, vestuário e acessórios e vida urbana.

no comércio carnal, onde as mulheres se vendem sexualmente, as palavras *prostituta* e *meretriz* são consideradas neutras, enquanto *mulher da vida* e *mulher de vida fácil* são expressões coloquiais, cujo termo *rapariga* é o mais eufemístico. Para o autor, “quase todas as palavras relacionadas com rapariga podem ser empregadas para exprimir atenuadamente a condição de prostituta, de forma eufemística e em contexto que as aclarem” (XIÃO, 2015, p.59).

Usando essa linha de entendimento, atrelada aos pressupostos da Sociolinguística, formamos grupos de fatores para a questão 142: as variáveis dependentes, *prostituta*, *rapariga* e *outros*, e variáveis sociais *sexo* (*homem*, *mulher*); *faixa etária* (*I*, 18 a 30 anos, e *II*, 50 a 65 anos); *localidade* (*Canindé*, *Camocim*, *Crato*, *Fortaleza*, *Crateús*, *Iguatu*, *Ipu*, *Limoeiro do Norte*, *Quixeramobim*, *Russas*, *Sobral*, *Tauá*), e as variáveis linguísticas *nº de variantes usadas* (*1*, *2*, *3*, *4*, + de quatro) e *recurso linguístico* (*eufemizado* e *disfemizado*).

Quanto ao grupo de fatores *recurso linguístico*, decidimos que será definido pela primeira resposta à pergunta, assim, mesmo que o informante use várias variantes para a questão 142, será a primeira resposta a definir se a fala foi *eufemizada* ou *disfemizada*.

Assim, após formarmos um envelope de variação e codificarmos todas as ocorrências, submetemo-las ao programa computacional GoldVarb X⁸ (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), usando a variante *rapariga* como valor de aplicação⁹, que nos oferece resultados estatísticos sobre a frequência de uso de cada variante, em cada cidade, de acordo com as *faixas etárias* e o *sexo* dos entrevistados, bem como os grupos de fatores que favorecem ou inibem um ou outro uso.

8 GoldVarb é uma versão para ambiente Windows do pacote de programas VarbRul - do inglês Variable Rules Analysis, “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY e ZILLES, 2007, p.105). Mais informações: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 12 abril 2021.

9 Em uma análise feita pelo programa Varbrul, “o pesquisador deve escolher qual das variantes será tratada como *aplicação da regra* e, ao realizar a rodada dos dados, deve informar ao programa o respectivo código dessa variante” (GUY; ZILLES, 2007, p. 229).

Os resultados estatísticos, como a frequência de uso e Peso Relativo¹⁰, foram apresentados em gráficos e tabelas, analisados à luz dos conhecimentos oferecidos pela Sociolinguística, Neurolinguística e de outras ciências que possibilitem a discussão sobre o tema tabu linguístico. A seguir, apresentamos e discutimos os resultados obtidos na rodada estatística realizada pelo programa computacional.

4. Reflexões subjetivas e análises

Em uma primeira rodada ternária (*prostituta*, *rapariga*, *outras variantes*) com as respostas referentes à questão 142, obtivemos 93 ocorrências, 21 (22,60%) para *rapariga*, 35 (37,60%) para *prostituta*, *puta*, e 37 (39,80%) para *outras* variantes linguísticas, como *rameira*, *vagabunda*, *mulher da vida*, *mulher sem moral* e *outras*.

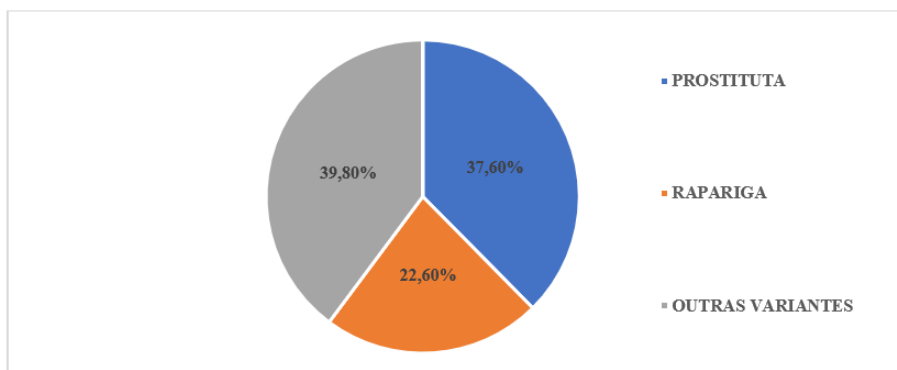


Gráfico 1- Frequências para a questão 142 (... a mulher que se vende para qualquer homem?)

10 *Peso Relativo* das variáveis, em que $PR < 0,5$; $PR = 0,5$ e $PR > 0,5$ indicam, respectivamente, desfavorecimento, neutralidade e favorecimento de um fator postulado em uma determinada variável sobre a variante escolhida como aplicação da regra, ou seja, acima de 0,50 é considerado favorecedor e abaixo de 0,50 é desfavorecedor, já quando for exatamente 0,50 é considerado neutro (GUY; ZILLES, 2007).

Esses dados estatísticos nos levaram a concluir que, nas cidades controladas nesta pesquisa, os cearenses optam por usar formas eufemizadas-39,80% (*outras formas*), mais 22,60% (*rapariga*), somando um total de 62,4% - em detrimento da forma disfemizada *prostituta* (37,60%), fato que está em consonância com a pesquisa de Wang Xião (2015), quando conclui que o falante pode recorrer a muitos outros termos eufemísticos em substituição ao termo *prostituta*, considerado disfemístico, e corrobora nossa hipótese inicial de que “a comunidade pesquisada, conscientemente, vai eufemizar a palavra tabu”.

Essa rodada inicial apresentou alguns nocautes¹¹, fato que nos fez optarmos por mais uma rodada, desta vez binária, só com as variantes *rapariga* e *prostituta*, usando a variante *rapariga* como valor de aplicação.

Para a rodada binária, o GoldVarb X apresentou 56 ocorrências, 35 (62,50%) para *prostituta* e 21 (37,50%) para *rapariga*. Como podemos observar, quando trabalhamos apenas com dados para as variantes *prostituta* e *rapariga*, os resultados de frequência apontam para uma preferência para o termo disfemizado *prostituta* em detrimento do termo eufemizado *rapariga*, como mostra o gráfico 2.

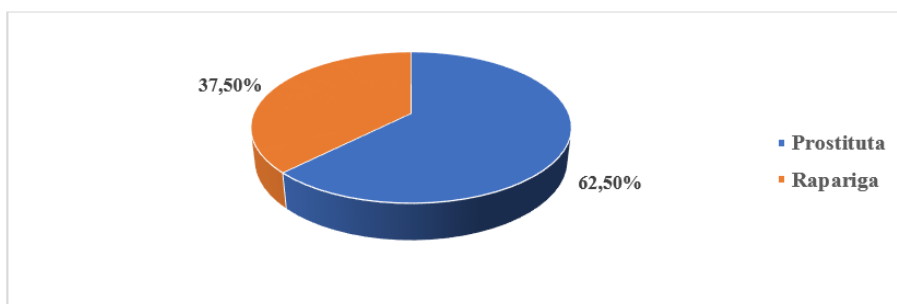


Gráfico 2- Frequências para a questão 142 (... a mulher que se vende para qualquer homem?), só com as variantes *prostituta* e *rapariga*

11 Nocaute ou *knockOut* é uma terminologia de análise do GoldVarb X usada em todos os programas da série Varbrul, “que, num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 158).

O gráfico 2 nos revela que nas cidades pesquisadas, os cearenses, de uma forma geral, usam com mais frequência a forma difemizada, inconscientemente, ao responder à pergunta 142. A variante *prostituta* (62,50%) é a mais frequente em detrimento da variante *rapariga* (37,50%). Esses dados, além de refutar a hipótese de que “a comunidade pesquisada conscientemente vai eufemizar a palavra tabu”, revelam muito sobre o uso dessas palavras tabus na comunidade. Vejamos no excerto 1, extraído de nossa amostra, (ALiB Canindé, QSL 142, informante do sexo feminino, faixa etária II, Pesquisador e ajudante do sexo feminino).

Pesquisador: ...e a mulher que se vende para qualquer homem?
Informante: (+) é uma prostituta'. Pesquisador: tem mais outro nome que a senhora conhece aqui pra mulher desse tipo.
Informante: (+)(+). Pesquisador: (+) fulanu é:: (+) pode dizer'' (+) ela (+)[sô acostumada a ouvir na televisão ((ri)) (+) (inaudível).
Informante: [((ri)). Pesquisador: ((ri)) pode falar (inaudível) que você conhece aqui. **Informante:** é: **mui:tu galinha:** Pesquisador: prontu isso que a gente quer ouvir¹². (ALiB, QSL, INF. O4304)¹³.

Podemos perceber, pela transcrição apresentada, que a informante, quando perguntada sobre a mulher que se vende para qualquer homem, dá uma pausa e responde rapidamente com a variante difemizada *prostituta* e quando a pesquisadora insiste para obter mais respostas ela não o faz de imediato e quando o faz usa um termo eufemizado, *galinha*, mesmo usando o intensificador muito. Isso pode indicar que a informante, nesse momento, teve consciência de que havia usado um termo estigmatizado, um tabu, carregado de crenças e que se tratava de uma variante estigmatizada socialmente e,

12 Obs.: Não foi percebida mudança no tom de voz da informante, pelo transcritor.

13 ALiB é o banco de dados cuja entrevista foi ouvida; QSL: Questionário Semântico Lexical, um dos tipos de registros do banco de dados; INF.: informante, cuja fala foi transcrita; N°: numeração da entrevista, em que o primeiro número, 04, é a localidade, seguida do número do entrevistado, nesse caso mulher da faixa etária II (Compreende quais idades? Não li em nenhum lugar do texto!).

portanto, deve-se evitá-la, conscientemente, a fim de não a atrair para si e para os seus. Segundo Burgos (2008), a linguagem comum e o pensamento consciente são de responsabilidade da parte mais sofisticada da massa cinzenta, o neocórtex, já os palavrões ficam no fundo do cérebro, no sistema límbico, a parte que controla nossas emoções.

No melhor nível de análise, *input*¹⁴ 0,368 e *significance*¹⁵ 0,001, o programa computacional selecionou apenas um grupo de fatores, *recurso linguístico*, como favorecedor no uso da forma eufemizada *rapariga*, como podemos observar na tabela 1, os demais grupos de fatores não foram selecionados como favoráveis a ocorrência da forma usada como valor de aplicação. Em virtude do resultado oferecido pelo programa e a importância dos grupos de fatores *sexo*, *faixa etária* e *localidade*, decidimos apresentar apenas as frequências de uso da variante estigmatizada para esses grupos, a partir das tabelas 2, 3 e 4.

Tabela 1 – Atuação da variável *recurso linguístico* em resposta à questão 142 sobre o termo *rapariga* na amostra analisada

Recurso linguístico	Aplicação/Total	%	PR
Eufemizado	10/13	76,9%	0,851
Disfemizado	11/43	25,6%	0,371

Input 0,368 *significance* 0,001

Os dados estatísticos revelam que o único grupo de fatores que favorece o uso da forma eufemizada *rapariga* é o grupo *recurso linguístico*, no fator *eufemizado*, com PR 0,851 e frequência de uso e 76,90%, ou seja, de cada 13 pessoas, 10 usam a forma eufemizada. Isso significa que a forma

14 Representa o nível geral de uso de determinado valor da variável dependente (GUY; ZILLES, 2007, p.238).

15 É a margem de erro de uma pesquisa que é de 5%. Este valor nos indica o grau de confiabilidade dos resultados. Se o valor for acima de 5% significa que os resultados não são confiáveis (GUY; ZILLES, 2007, p.238).

eufemizada é usada, principalmente, como segunda opção ou quando o falante decide suavizar, conscientemente, a resposta para a questão 142 do ALiB. Decidimos por apresentar os resultados de frequência para os demais grupos de fatores, mesmo esses não favorecendo o uso do termo usado como valor de aplicação. A seguir apresentamos os resultados de frequência para o grupo de fatores sexo.

Tabela 2 – Atuação da variável *sexo* em resposta à questão 142 sobre o termo rapariga na amostra analisada

Sexo	Aplicação/Total	%
Homem	17/30	56,70%
Mulher	18/26	69,20%

Os percentuais revelam que as mulheres usam mais a forma padrão, *prostituta*, com 69,20% de frequência, enquanto os homens apresentam frequência de 56,70%. Podemos entender que ambos os sexos, em sua maioria, optam pela forma disfemizada, inconscientemente, já que usa a forma eufemizada como segunda resposta.

O fato de as mulheres usarem mais a forma disfemizada, se comparado aos homens, pode estar associada ao fato de as entrevistas terem sido feitas por uma mulher, ou seja, o interlocutor do mesmo sexo torna o uso do tabu mais recorrente, fato também observado com o sexo masculino. Vejamos no excerto 2, retirado de nossa amostra, (ALiB Canindé, QSL 142, informante do sexo masculino, faixa etária II, Pesquisador e ajudante do sexo feminino).

Pesquisador:... e a mulher que se vende pra qualquer home? (+)como é que se chama? **Informante: puta ((baixa o tom de voz))[puta?**
Pesquisador:[fale mais alto' conhece outro nome pra essa mulher'.
Informante: (+) puta? Pesquisador:(+) é?((baixa o tom de voz)).
Informante: (+) mulher fácil que se chama ((baixa o tom de voz)).
(ALiB, QSL 142, INF. O4304)

A voz do informante, transcrita, parece distante como se quisesse demonstrar que tem pouco conhecimento sobre o tema. Ele baixa o tom e voz como forma de resistir ou se negar a responder, deixando a pergunta no vácuo, o que nos direciona à concepção de tabu inaudível, defendido por Freud (1913, p.18), como se o informante, conscientemente, não responda por um medo inconsciente expresso em proibições e restrições em uma aceção de temor sagrado. A seguir, apresentamos o grupo de fatores *faixa etária*.

Tabela 3 – Atuação da variável *faixa etária* versus o uso da forma disfemizada *prostituta* e da forma eufemizada *rapariga* em resposta à questão 142

Faixa etária	Aplicação total	% para prostituta	% para rapariga
I (18 a 30 anos)	18/30 e 12/30	60,00%	40,00%
II (50 a 65 anos)	17/26 e 9/26	65,40%	34,60%

Fonte: elaborada pelo autor

Aqui, controlamos duas faixas etárias, 18 a 30 anos, classificando-os como adultos jovens e de 50 a 65 anos como de meia idade. Como podemos observar, na tabela 3, ambas as faixas etárias usam mais a forma disfemizada, *prostituta*, em comparação com a forma eufemizada *rapariga*, mas os informantes de maior idade usam com mais frequência (65,40%) a forma disfemizada *prostituta* se comparado aos adultos jovens (60,00%). Vejamos no excerto 3, retirado de nossa amostra (ALiB Camocim, QSL 142, informante do sexo feminino, faixa etária II, Pesquisador e ajudante do sexo feminino).

Pesquisador:...como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?. **Informante: prostituta ((baixa o tom de voz))**. Pesquisador: tem mais outro nome! (+) por aqui ((baixa o tom de voz)). **Informante: (+) te tem né rameira ((baixa o tom de voz)) [se eu sei ((baixa o tom de voz))**. Pesquisador:[di:ga ((baixa o tom de voz)). **Informante: só sei isso que eu sei ((baixa o tom de voz))**. (ALiB, QSL 142, INF. O3904)

Percebemos que, inconscientemente, a entrevistada usa a variante disfemizada *prostituta*. Questionada novamente, ela pensa sobre a questão, adquire a consciência, baixa o tom de voz e usa um termo considerado *eufemizado*, *rameira*. Para Sigmund Freud (1856-1939), o inconsciente é algo que fica escondido em cada um, mas que se manifesta nos comportamentos sem sabermos. A seguir, apresentamos as frequências para o grupo de fatores *localidade*.

Tabela 4 – Atuação da variável *localidade* em resposta à questão 142 sobre o termo rapariga na amostra analisada

Localidade	Aplicação/Total	%
Iguatu	2/3	66,70%
Tauá	3/5	60,00%

Na rodada inicial, ternária, houve ocorrência de nocautes nas cidades de Fortaleza, com zero ocorrência para o termo prostituta, Quixeramobim, com zero ocorrência para o termo rapariga, e Sobral, com zero ocorrência para o termo rapariga. Para resolvermos o problema com os nocautes, optamos por isolarmos os grupos com os nocautes, assim, essas cidades foram eliminadas da rodada binária, por isso não aparecem nas tabelas aqui dispostas. No entanto, vale registrar que a cidade de Fortaleza não apresentou nenhuma ocorrência para o termo disfemizado prostituta, sendo que das 8 ocorrências totais 25% (2/8) foram para rapariga e 75% (6/8) foram para outras formas também eufemizadas, o que nos permite inferir que a capital cearense opta por usar termos eufemizadas na concorrência com o termo disfemizado prostituta/puta.

Quanto à tabela 4, podemos entender que apenas as cidades de Iguatu, com 66,70% de frequência (2/3) e Tauá, com 60% (3/5), usam mais frequentemente o termo eufemizado rapariga em comparação com o termo disfemizado prostituta/puta. Esses resultados estatísticos confirmam, em parte,

a hipótese 1 da pesquisa de que “a comunidade pesquisada conscientemente vai eufemizar a palavra tabu”, pois, como podemos visualizar, apenas 3 das 12 cidades, incluindo a capital Fortaleza, com 100% das ocorrências para os termos eufemizados e retirada da rodada binária, em virtude do nocaute, confirmam a hipótese.

A seguir apresentamos uma tabela de frequência para o termo disfemizado para cada cidade.

Tabela 5 – Atuação da variável *localidade* em resposta à questão 142 sobre o termo prostituta na amostra analisada

Localidade	Aplicação Total	%
Canindé	3/5	60,00 %
Camocim	3/5	60,00 %
Crato	3/5	60,00 %
Crateús	5/7	71,40 %
Ipu	3/5	60,00 %
Limoeiro do Norte	3/4	75,00 %
Russas	4/7	57,10 %

A tabela 5 apresenta as cidades do estado do Ceará que usam com maior frequência o termo disfemizado *prostituta* ou *puta*. Pela ordem de frequência de uso da variante *prostituta*, podemos observar que a cidade de Limoeiro do Norte, com uma frequência de 75% (3 de 4 entrevistados) é a que mais usa a variante *prostituta* ou *puta*, seguida da cidade de Crateús com uma frequência de 71,4% (5 de 7 entrevistados).

As cidades de Canindé, Camocim, Crato e Ipu apresentaram uma frequência de uso igual, 60% ou 3 de um total de 5 entrevistados. A cidade de Russas apresentou uma frequência de uso da variante disfemizada de 57,10% - 4 de 7 entrevistados.

Esses resultados apresentados na tabela 5 refutam, em parte, a hipótese 1 da pesquisa de que “a comunidade pesquisada conscientemente vai

eufemizar a palavra tabu”, pois a grande maioria usa com maior frequência o termo prostituta ou puta, considerados disfemizados.

Ademais, os dados estatísticos nos levam a acreditar que a cultura local não interfere na escolha individual quanto ao uso de uma ou outra forma, pois, além do grupo de fator *localidade* não ter sido selecionado estatisticamente, percebemos que localidades como Canindé, com costumes culturais marcados pela questão religiosa, e Camocim, com costumes voltados às festas pagãs, como o carnaval, se comportam de maneira similar, assim como a cidade de Crato em comparação à cidade de Ipu. Os números não deixam dúvidas quanto a uma maior frequência de uso do termo disfemizado nas cidades apresentadas na tabela 5 a partir dos resultados de frequência da rodada binária. Vejamos o excerto 4, extraído de nossa amostra (ALiB Camocim, QSL 142, informante do sexo masculino, faixa etária II, Pesquisador e ajudante do sexo masculino).

Pesquisador: ... e a mulher que se vende pra qualquer homem? **Informante: prostituta ((baixa o tom de voz))**. Pesquisador: tem outro nome pra ela? **Informante: nã::’ (+) hum**. Pesquisador: eu conheçu’ o senhor pode falá (inaudível) se conhecer ((baixa o tom de voz)) (+) é ((baixa o tom de voz)). **Informante: rapariga’’ (rápido) ne:’’**. Pesquisador: eh ((baixa o tom de voz)) **Informante: prostituta:’’ rapa:riga’’ pu:ta’’ ou coisa assim’’ ((ri))**.
Pesquisador: aqui só tem home’ pode di:zer’’. **Informante: ((ri)) sobre isso não se fala ((baixa o tom de voz)) ((ri)) ah**. Ajudante: desabafe: ((ri)). **Informante: ah ((ri))**. (ALiB, QSL 142, INF. O39043)

Percebemos que, no momento inicial, o informante se sente à vontade com o fato dos entrevistadores serem do mesmo sexo e isso o faz escolher a forma estigmatizada, aqui defendida como disfemizada, *prostituta/puta*. Em seguida, ele baixa o tom de voz, como que procurando resposta positiva nos interlocutores, do sexo masculino, e encontra. A partir do momento em que o entrevistado se sente confiante, ele interage com os entrevistadores e passa a um diálogo, com risos e deboches sobre o alvo da questão, a mulher, ampliando seu repertório de variantes conhecidas, fato que não observamos

quando a pergunta é feita por uma pesquisadora do sexo feminino. A seguir, apresentamos as considerações finais.

Considerações finais

Esta pesquisa teve por objetivo refletir sobre a possibilidade de se estabelecer uma relação de estudos entre a Sociolinguística e a Neurolinguística, ambas **áreas interdisciplinares. Para tal empreitada, usamos algumas teorias de domínio da neurolinguística, como a que defende que palavras tabus, ou palavrões, se desenvolvem** no lado direito do cérebro, como as variantes *prostituta*, *puta*, *rapariga*, *meretriz* e etc., mas nosso compromisso não foi provar essa teoria. Ademais, trabalhamos com a metodologia da Sociolinguística Variacionista, na coleta e tratamento das variantes, assim como o uso da ferramenta GoldVarb X para nos oferecer os dados estatísticos. E também, procuramos relacionar os conceitos de eufemismo e disfemismo às variantes encontradas na coleta de dados.

Então, é possível afirmar que a proposta inicial foi exitosa e, portanto, mais pesquisadores poderão se valer dessas áreas interdisciplinares para responder alguns questionamentos, não só sobre tabus linguísticos, como outros fenômenos da língua. Quanto às nossas questões iniciais, podemos entender que a questão **i**, que quer saber se a resposta dada, pelo entrevistado, à questão 142 se apresenta de maneira eufemizada ou disfemizada foi respondida, pois os dados estatísticos demonstraram, na rodada ternária, que 62,40% eufemizam e 37,60% disfemizam. Já em uma rodada binária, apenas com as variantes *rapariga*, eufemizada, e *prostituta/puta*, disfemizada, onde não consideramos outras formas variantes eufemizadas, como mulher da vida, garota de programa, e outras, os dados estatísticos defendem que 62,50% disfemizam, enquanto 37,50% eufemizam.

No tocante aos fatores que influenciam no processo de eufemização ou disfemização, questão **ii** da pesquisa, os dados estatísticos apresentados defendem que apenas o grupo de fatores *recurso linguístico*, no fator

eufemizado com PR 0,851, favorece o uso das variantes eufemizadas, enquanto o fator *disfemizado*, PR 0,371, inibe o uso das variantes eufemizadas. Na questão **iii**, que busca saber qual variante é mais frequente nas cidades pesquisadas, os dados estatísticos apontam que as cidades de Fortaleza, Iguatu e Tauá usam mais a forma eufemizada *rapariga*, enquanto as cidades de Canindé, Camocim, Crato, Crateús, Ipu, Limoeiro do Norte e Russas usam mais frequentemente a forma disfemizada *prostituta/puta*.

Com relação a nossas hipóteses iniciais, entendemos que algumas foram confirmadas e outras refutadas. A hipótese que investe que a comunidade pesquisada conscientemente vai eufemizar a palavra tabu foi confirmada, pois 62,50% dos entrevistados deram como primeira resposta a variante disfemizada *prostituta/puta*, mas no total geral 62,40% usam mais as variantes eufemizadas. Aqui cabe explicar que entendemos que a primeira resposta dada não traz reflexão sobre a pergunta, portanto inconsciente, enquanto a segunda resposta é pensada, portanto, consciente e refletida. Quanto a nossa hipótese 2, as mulheres vão eufemizar o tabu linguístico, enquanto os homens vão disfemizar, foi totalmente confirmada, uma vez que as frequências demonstraram que são as mulheres, 69,20%, quem mais usam os termos eufemizados, enquanto os homens usam os disfemizados. Já com relação a hipótese 3, a faixa etária II (50 a 65 anos) vai eufemizar a palavra tabu, enquanto a faixa etária I vai disfemizar, foi totalmente refutada, pois os números confirmam que ambas as idades usam mais frequentemente o termo disfemizado. A última hipótese, que defende que a variante *rapariga* será a mais frequente nas cidades pesquisadas, também foi refutada, pois a maior parte das cidades pesquisadas apresentaram a variante disfemizada *prostituta* como primeira resposta à pergunta feita.

Por meio dos resultados apresentados, concluímos que a comunidade de fala cearense procura eufemizar, usando as variantes *rapariga*, *mulher da vida*, *mulher de vida fácil*, *meretriz* entre outras, mas apenas quando estão conscientes de sua escolha, pois a primeira resposta dada, talvez inconscientemente, é a variante disfemizada *prostituta* ou *puta*. Concluímos

também, que o falante se sente mais à vontade para responder, conscientemente, a questão sob análise quando seu interlocutor é do mesmo sexo.

Este trabalho não teve a pretensão de ser conclusivo, mas, sim, de darmos um primeiro passo na construção de pesquisas abarcando essas duas áreas interdisciplinares. Dito isso, entendemos que este estudo carece de mais aprofundamento e que novos trabalhos talvez venham a complementar os resultados aqui encontrados.

Referências

- ALLAN, K.; BURRIDGE, K. **Forbidden Words. Taboo and the Censoring of Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- ALMEIDA, L. de. **À guisa de uma tipologia para os tabus linguísticos** – proposta para um glossário. 2007. 193 p. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, São Paulo, 2007.
- ANTHES, E. **Profane Brain. Psychology Today**, [S.l.] v. 43: 4, n. 22, 2010. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/articles/201007/language-profanebrain>. Acesso em: 10 abril 2021.
- BURGOS, P. A ciência do Palavrão. **Super Interessante**. Caderno de ciências, 31 de janeiro de 2008.
- BECHARA, E. **Dicionário da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. Companhia Editora Nacional, 3ª edição, São Paulo, 2011.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Lingüística** (lingüística quantitativa e computacional). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, v.1, 277 p.
- CARDOSO, S. A; MOTA, J. A. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Antecedentes e Estágio Atual. **Revista Alfa**, São Paulo, 2012, p.856 – 870. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n3/a06v56n3.pdf>. Acesso em: 10 de abril 2021.

- FREUD, S. Totem e Tabu. In: **Obras Psicológicas Completas**: Edição Standard Brasileira, Rio de Janeiro. Imago, [1913] 1996.
- GUÉRIOS, R. F. M. **Tabus Linguísticos**. 2. ed. aum. São Paulo: Ed. Nacional; Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.
- GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: instrumental de análise. São Paulo: Editora Parábola, 2007.
- JACKSON, J. H. **On the Nature of the Duality of the Brain**. 1874. In: TAYLOR, J. (ed.). *Selected Writings of John Hughlings Jackson*. London: Hodder & Stoughton, 1958. v. 2, p. 129-145.
- JAY, T. **Why We Curse**: A Neuro-Psycho-Social Theory of Speech. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2000.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. 389 p. Título original: *Sociolinguistic Patterns*.
- LACAN, J. **Écrits**. Paris: Seuil, 1966.
- LACAN, J. **Autres écrits**. Paris: Seuil, 2001.
- LANCKER, D. V.; CUMMINGS, J. L. Expletives: Neurolinguistic and Neurobehavioral Perspectives on Swearing. **Brain Research Reviews**, [S.l.], v. 31, p. 83-104, 1999.
- LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral** – Introdução Evolucionista à Psicologia v.1. São Paulo. Civilização Brasileira. 1979.
- MECACCI, L. **Conhecendo o cérebro**. São Paulo. Nobel. 1987.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: HUCITEC, 2007.
- PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

- SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. A. ; SMITH, Eric. **Goldvarb X** - A multivariate analysis application. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/Goldvarb/GV_index.htm#ref>. Acesso em: 10 fev. 2021.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- ULLMANN, S. **A Semântica**. Uma introdução ao estudo do significado. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.
- VILAÇA, M. G. da C. **Tabus linguísticos na publicidade brasileira**. 2009. 132 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- XIAO, W. **O eufemismo e o disfemismo em português e chinês, na obra do P.e Joaquim Gonçalves**. 2015. 92 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial) - Universidade do Minho Instituto de Letras e Ciências Humanas, Braga, Portugal, 2015. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/34271/1/Wang%20Xiao.pdf>. Acesso em: 02 maio 2021.